

CAPÍTULO 3

Efeitos da valorização de uma produtividade quantitativa em práticas de escrita acadêmica no doutorado

Larissa Giacometti Paris
Rómina de Mello Laranjeira
Flávia Danielle Sordi Silva Miranda

1. Introdução

Você vai ter que dividir, senão, você não defende. Ou, então, você tem que ter N outros projetos paralelos, você levar seu doutorado na loucura
(Isadora, 33 anos, doutoranda)

No universo acadêmico-científico atual, o mantra “publicar ou perecer” (CURRY; LILLIS, 2013) é familiar para grande parte da comunidade científica, incluindo docentes-pesquisadores, alunos da pós-graduação e, até mesmo, estudantes da graduação. Em decorrência dessa cobrança por uma alta produtividade, Berg e Seeber (2016) demonstram que a chamada “cultura da velocidade” acaba por imperar no ambiente acadêmico-científico contemporâneo. Não é preciso somente publicar – sem haver complementos para o verbo –, mas, sim, publicar de forma numerosa e em um curto período de tempo, privilegiando-se a quantidade e o imediatismo em detrimento à qualidade e à maturação (JORDÃO, 2016). Entretanto, mesmo trabalhando em ritmo acelerado, há, frequentemente, a sensação de que falta tempo devido a esse *ethos* da velocidade (BERG; SEEBER, 2016).

Considerando tal contexto, propomos, neste capítulo, uma discussão acerca da questão da produtividade e seus efeitos nas práticas de escrita de doutorandos brasileiros. Para tanto,

assumimos os princípios teórico-metodológicos apresentados pelos pesquisadores dos Novos Estudos do Letramento (NEL) e, mais especificamente, tomamos como base a perspectiva do modelo dos Letramentos Acadêmicos (LEA; STREET, 1998).

Com base nos trabalhos desenvolvidos pelas três autoras, estruturamos este capítulo da seguinte forma: o texto se inicia com uma discussão acerca das produções acadêmicas brasileiras, que assumem a perspectiva dos Letramentos Acadêmicos, e cujos pesquisadores são doutorandos. Na próxima seção, apresentamos os contextos dos dados empíricos analisados neste texto, bem como os pressupostos metodológicos que nos guiaram. Em seguida, refletimos sobre as visões dos participantes em relação à prática de *salami science*. Depois, discutimos os efeitos da cobrança por produtividade de acordo com as percepções dos doutorandos. Por fim, tecemos algumas considerações finais a esse respeito.

2. Fundamentação teórica e contextualização dos estudos em Letramentos Acadêmicos na pós-graduação no Brasil

Neste trabalho, baseamo-nos nos Novos Estudos dos Letramentos (STREET, 2003), assumindo explicitamente a perspectiva dos “Letramentos Acadêmicos” (LEA; STREET, 1998; LILLIS *et al.*, 2015), por meio da qual as práticas de leitura e escrita do Ensino Superior são enfocadas e compreendidas em suas dimensões linguísticas e extralinguísticas. Assim, são considerados aspectos como identidade, agência e poder, além da busca por uma transformação dessas mesmas práticas (LILLIS; SCOTT, 2007), muitas vezes, inseridas em situações de pressão, exclusão e preconceitos em relação aos escreventes, como, por exemplo, os doutorandos, participantes privilegiados em nosso capítulo.

Por ser uma expressão advinda de estudos estrangeiros – *Academic Literacies* ou ACLITS¹, Lillis (2021, p. 51, tradução nossa²)

¹ Abreviação para *Academic Literacies*. Para uma melhor compreensão da fundamentação teórica em pesquisas brasileiras, recomendamos a leitura da

caracteriza como “*agrupamentos epistemológicos*” os usos e os significados diversificados em torno de termos selecionados pelos pesquisadores para se referirem ao(s) letramento(s) acadêmico(s), em diferentes contextos linguísticos e regionais. Isso porque, conforme a estudiosa, “não há traduções simples ou unidirecionais para cada uma [das frases, expressões], mas elas indexam tradições, interesses e preocupações particulares” (LILLIS, 2021, p. 51, tradução nossa³). Ainda em sua percepção, no Brasil e em Português, usamos:

Letramentos Acadêmicos: a) para referir aos múltiplos gêneros, discursos e práticas associados a diferentes disciplinas no meio acadêmico; b) indexar uma posição epistemológica particular – escrever e ler na academia como prática social (por exemplo, Fiad, 2016) (LILLIS, 2021, p. 52, tradução nossa)⁴.

Tendo isso em vista e, a partir de nossa integração ao grupo “Escrita: ensino, práticas, representações e concepções”, liderado por Raquel Salek Fiad e com registro no CNPq, tomamos a expressão “Letramentos Acadêmicos”, também com base nos estudos ingleses, como forma de nos posicionarmos epistemologicamente. Ou seja, compreendemos a leitura e a escrita acadêmica como práticas sociais e, por conseguinte, questionamos algumas visões que circulam no Ensino Superior, bem como práticas de escrita e ensino da escrita na esfera da universidade que generalizam e/ou visam cristalizar os letramentos acadêmicos, independente dos valores atribuídos pelos participantes e dos contextos. Nesse sentido, concordamos

coletânea: FIAD, R. S. (org.). **Letramentos Acadêmicos**: contextos, práticas e percepções. São Carlos: Pedro & João, 2016.

² No original: “epistemological clusters”.

³ No original: “These are not simple or uni-directional translations of each other but rather index particular traditions, interests and concerns”.

⁴ No original: “Letramentos acadêmicos: a) to refer to the multiple genres, discourses and practices associated with different disciplines within academia; b) to index a particular epistemological position – writing and reading in the academy as a social practice (e.g. Fiad, 2016)”.

com a tese sustentada por Fuza (2015, p. 345) de que “o discurso acadêmico concebido com base nos múltiplos letramentos possibilita repensar a noção de escrita homogênea, desmistificando a ideia de que todos os participantes das comunidades científicas escrevem da mesma forma”.

Lillis e Curry (2010), por exemplo, remontam a desafios vivenciados por acadêmicos de diferentes contextos, participantes de sua pesquisa, para publicar em inglês e discutem sobre outras questões envolvidas como recursos que subsidiam as produções acadêmicas ou os papéis dos “mediadores de letramento” (LILLIS; CURRY, 2010, p. 87, tradução nossa⁵), entre outros.

Tão logo, se as práticas de escrita acadêmica e os elementos a elas relacionados são amplos, consideramos importante questionarmos regras padronizadas e até mesmo alicerçadas em dimensões escondidas (STREET, 2009) que são postas aos participantes, a nós todos. Mais do que reconhecer a heterogeneidade da escrita acadêmica (FUZA, 2015) e as diversas relações que permeiam os textos (LILLIS; CURRY, 2010), almejamos que essas concepções sobre produzir textos acadêmicos e as situações envolvidas no processo possam ser debatidas e transformadas (LILLIS *et al.*, 2015; LILLIS, 2021).

Em Miranda (2022)⁶, encontramos uma metapesquisa de produções acadêmicas brasileiras, entre 2010 e 2020, que reportavam aos estudos em Letramentos Acadêmicos, em português e/ou inglês no Brasil. A investigação centralizou-se na busca por teses e dissertações defendidas naquele período e publicadas no *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*⁷, bem como em artigos científicos indexados ao *Portal de Periódicos da Capes*⁸, por serem duas instâncias

⁵ No original: “literacy brokers”.

⁶ Pesquisa desenvolvida, inclusive sob supervisão da Profa. Dra. Raquel Salek Fiad, via Programa de Pesquisador de Pós-Doutorado, no Instituto de Estudos da Linguagem, na Unicamp, entre fevereiro de 2021 e fevereiro de 2022.

⁷ Cf. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 17 ago. 2022

⁸ Cf. <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?> Acesso em 17 ago. 2022.

representativas como fontes para se encontrar trabalhos de nossos pesquisadores. Assim, as pesquisas levantadas compreendiam o já referido campo teórico-epistemológico dos ACLITS. De alguma maneira, isso estava indexalizado por seus autores nos títulos, palavras-chaves e/ou resumos.

Como ponto de partida, trazemos, a seguir, algumas dessas pesquisas locais, para colaborar com nossas reflexões teóricas e, posteriormente, com as reflexões nas seções de análise que serão apresentadas. Dentre os trabalhos de mestrado e de doutorado levantados em buscas na primeira base de dados, foram identificadas 113 produções, divididas em 57 dissertações e 56 teses. Quando observamos essas teses sobre letramentos acadêmicos, relativos também ao momento da pós-graduação, deparamo-nos com um número de três teses. Tal dado autoriza-nos a afirmar, portanto, que poucas⁹ delas estiveram voltadas à compreensão de práticas de leitura e de escrita acadêmicas paralelas à etapa em que estavam seus próprios autores, ou seja, o doutorado. Foram elas:

Quadro 1 – Apresentação dos trabalhos em ordem decrescente de publicação

Teses	Título	Programa/Ano
T1	“O <i>design</i> pedagógico para um curso de português como língua adicional para fins acadêmicos”	Doutorado em Letras/2020
T2	“Letramentos	Doutorado em

⁹ Reconhecemos que o recorte pode não representar a compreensão de todos os trabalhos do *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes* compreendidos no período e na temática, uma vez que o recorte deu-se, qualitativamente, pela busca por palavras-chave e a seleção a partir da leitura de títulos e/ou dos resumos disponibilizados. Todavia, filtros são necessários, com base em critérios estabelecidos para toda pesquisa de levantamento. Também advertimos que novos trabalhos podem ter sido desenvolvidos mais recentemente. A esse respeito, mencionamos o conhecimento que já temos da tese de Paris (2021), uma das autoras deste capítulo.

	acadêmicos em situação de ensino e aprendizagem de Português Língua Adicional”	Linguística/2020
T3	“Porque não é o escrever em si, é ver como é que está escrito”: discursos sobre letramentos acadêmicos em inglês em uma comunidade de prática de química”	Doutorado em Letras/2019

Fonte: Elaboração própria com base nos dados oferecidos pelo *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*

Os anos das teses apresentadas no quadro remontam-nos a um período mais recente de abordagem da temática dos letramentos acadêmicos de doutorandos, enquanto seus títulos já nos indicam predominância do português como língua adicional. Por outro lado, uma análise qualitativa dos resumos referentes ao trio localizado também nos permitiu outras percepções. Observemos alguns excertos dessa parte inicial das teses:

Quadro 2 – Transcrição de excertos de resumos das teses, **negritos nossos**

“analisei um **roteiro didático** desenhado para um curso voltado ao trabalho com gêneros acadêmicos – que é ofertado a **estudantes realizando intercâmbio** em uma universidade estadual no Sul do Brasil – e uma **disciplina direcionada ao ensino de leitura e escrita acadêmica**, ofertada a **estudantes intercambistas em nível de pós-graduação** em uma universidade privada do Sul do Brasil, buscando verificar de que forma eles oportunizavam o trabalho com os textos acadêmicos **por uma perspectiva social de uso da linguagem**, propiciando um trabalho de leitura e escrita que atendesse ao que os discentes precisavam fazer em suas rotinas na universidade. [...] Também precisam ser consideradas as **especificidades das linguagens acadêmicas de cada área em textos na língua materna e na língua adicional**”

“Nosso objeto de estudo é o letramento acadêmico em PLA de mestrandos e **doutorandos estrangeiros** da Universidade Federal do Ceará, participantes do **Curso de Português Língua Estrangeira: língua e cultura brasileiras**. [...] nosso objetivo principal é descrever e analisar as produções dos gêneros de texto **biodata e resumo de comunicação oral de estudantes estrangeiros de pós-graduação, focalizando a dimensão social conjugada à dimensão linguística, que contribuem para o letramento acadêmico em PLA**, através da mediação, sob uma **perspectiva sociointeracionista da linguagem**. Para isso, utilizamos como aporte teórico o **Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)**, principalmente, a partir dos postulados de **Bronckart (2012; 2008; 2016)**. [...] Para dar conta da análise, partimos da abordagem descendente de análise de texto como preconizada por **Volóchinov (2018)**, que considera as condições concretas da interação verbal, as formas de enunciação e, por último, as formas da língua. [...] Além desse aporte teórico, consideramos importante a contribuição de **Adam (2011)**, na sua proposta de **Análise Textual do Discurso** [...] Convocamos ainda a **teoria do texto** por tratar o texto sob uma abordagem que integra as dimensões social e psicológica, praxiológica e gnosiológica (COUTINHO, 2012). [...] utilizamos os estudos de **Lea e Street (1984), para tratar do letramento acadêmico**. [...] as dificuldades dos estudantes não dizem respeito **apenas** ao uso de recursos linguísticos da língua portuguesa, mas **sobretudo** a conhecimentos de diversas ordens, como **cognitivos, sociais e linguísticos**. Assim, consideramos que essas dimensões dos gêneros de texto biodata e resumo de comunicação oral são relevantes no processo de ensino e aprendizagem, ensejando aos estudantes possibilidades de interagir na comunidade acadêmica na qual estão situados temporariamente, assumindo a língua portuguesa como recurso comunicativo”

“[...] este estudo visa **explorar as práticas de letramento acadêmico (LA) em inglês** e sua aprendizagem em um **programa de pós-graduação** bem-conceituado que apresenta alta produtividade de publicação internacional em inglês [...] O quadro teórico adotado é **interdisciplinar** ao combinar a **Sociorretórica** (BAZERMAN, 2007; BAWARSHI; REIFF, 2013), os **LA** (LEA; STREET 1998, IVANIČ 1998) e a **Análise Crítica do Discurso** (ACD) (FAIRCLOUGH, 2003). Também são tomadas como

referências os conceitos de **Comunidades de Prática (CdP)** e **Participação Periférica Legítima (PPL)** (LAVE; WENGER, 1991; WENGER, 1998). [...] Nesse sentido, **recomendamos a criação de redes colaborativas** na CdP e a introdução de uma **abordagem pedagógica transformativa e colaborativa** que permita que o aluno se identifique como autor dentro da comunidade, **compreendendo os LA como ações sociais** e desenvolvendo **um olhar crítico em relação aos textos e sistemas de gênero** que os constituem”

Fonte: Resumos das teses disponíveis no *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*

Os resumos elaborados pelos doutorandos apontam alguns aspectos em comum: (i) a contemplação de grupos minoritarizados na universidade pública e/ou privada brasileira (intercambistas, estrangeiros, estudantes em processo de inclusão na esfera acadêmica na língua inglesa); (ii) a abordagem da pós-graduação no sentido amplo, haja vista que os dados foram gerados em contextos diversos, como disciplinas, cursos e programas; (iii) a mobilização de diferentes quadros teórico-metodológicos e (iv) o embasamento nos estudos dos Letramentos Acadêmicos por meio da compreensão crítica, situada e extralinguística das práticas de que tratam, considerando, pois, elementos como “**especificidades das linguagens acadêmicas de cada área**”, “conhecimentos de diversas ordens, como **cognitivos, sociais e linguísticos**”, “**um olhar crítico em relação aos textos e sistemas de gênero**” e “**um lugar em que o outro deve ser ouvido, respeitado e reconhecido**”, o que também converge, por sua vez, com a noção de transformação das práticas proposta pelo modelo dos ACLITS.

Amparadas em alguns dos resultados da metapesquisa e em diálogo com as pesquisas de campo desenvolvidas, cujos dados analisaremos neste capítulo, percebemos que as práticas de escrita acadêmica de doutorandos, por serem ainda pouco enfocadas nos estudos brasileiros pelo viés dos ACLITS, abrem espaço para uma agenda de trabalhos sobre elas com base nos Letramentos Acadêmicos (LEA; STREET, 1998) e para problematizações sobre a prática de escrita acadêmica na pós-graduação. A fim de colaborar

com a necessária elevação da quantidade das pesquisas com tal recorte, estruturamos este capítulo.

3. Metodologia

As pesquisas de campo apresentadas neste capítulo inserem-se na área da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), mais particularmente, no campo dos Novos Estudos de Letramento (LEA; STREET, 1998), como já explicado anteriormente.

Os dados são provenientes das pesquisas de duas das autoras deste capítulo, uma de doutorado e outra de pós-doutorado, realizadas entre 2017 e 2020, em universidades do estado de São Paulo¹⁰, cujos participantes pertenciam a diferentes áreas do conhecimento, entre elas, as Ciências Humanas e Sociais, as Ciências Biológicas e a Tecnológica. Ambas as pesquisas de campo se apoiaram em pressupostos, conceitos e instrumentos habitualmente utilizados na etnografia da linguagem (BLOMMAERT; JIE, 2010), com o objetivo de investigar concepções e práticas sociais de escrita acadêmica de doutorandos, com foco no sujeito e em seus usos de oralidade, leitura e escrita.

Seguindo a etnografia como metodologia indutiva, portanto, capaz de dar conta das práticas situadas e multifacetadas de letramentos acadêmicos, emergiu dos dados um tema bastante relevante e atual sobre a cultura de produção científica, a saber: a cobrança pela produtividade na pós-graduação.

Para o presente capítulo, operamos com um recorte nos dados das pesquisas de campo. Selecionamos pós-graduandos de diversas áreas, conforme mostra o Quadro 3, pertencendo todos os doutorandos a programas avaliados em “excelente” e “muito

¹⁰ As pesquisas foram aprovadas pelos respectivos Comitês de Ética em Pesquisa. A pesquisa de doutorado, desenvolvida por Larissa Giacometti Paris, contou com apoio do CNPq (CAAE 84164218.5.0000.8142). A pesquisa de pós-doutorado, realizada por Rómima de Mello Laranjeira, foi desenvolvida com o apoio do PNPd/CAPES (CAAE 14162918.2.0000.0084).

bom”. Primeiramente, apresentamos e analisamos excertos de entrevistas semi-estruturadas que tematizam a produtividade exigida na pós-graduação. Na sequência, excertos de diários de teses de participantes suscitam a análise e o debate sobre os efeitos dessa produtividade a partir do olhar dos doutorandos.

Apresentamos, no Quadro 3, os perfis dos participantes que colaboraram nas pesquisas de campo. Na primeira coluna, encontramos os pseudônimos escolhidos pelos doutorandos, na ocasião da primeira entrevista e, na segunda coluna, a idade no momento de geração de dados. A terceira coluna indica a área de conhecimento, de acordo com a tabela do CNPq e, a quarta coluna, a nota do programa. Por último, temos a indicação do tipo de bolsa do doutorando.

Quadro 3 – Perfis dos participantes

Nome	Idade	Área do conhecimento	Avaliação do PPG	Bolsa de fomento
Clarice	31 anos	Ciências Biológicas	Capes 7	Capes
Cristiano	36 anos	Linguística, Letras e Artes	Capes 6	Bolsa do Programa
Isadora	33 anos	Tecnológica	Capes 6	CNPq
Miguel	40 anos	Tecnológica	Capes 6	Não recebeu

Fonte: Elaboração própria

A escrita da tese de doutorado revelou-se um lugar de excelência para analisar a produtividade do sistema acadêmico e modos de operar nesse meio. Os dados apresentados correspondem, por isso, a elementos comuns nas duas pesquisas: dificuldades e efeitos da cobrança pela produtividade no doutorado. Como também sinalizado pela metapesquisa antes delineada, o enfoque de estudos brasileiros realizados nas teses e dissertações defendidas mais recentemente esteve direcionado para a abordagem da escrita acadêmica na graduação (MIRANDA, 2022). Assim, ampliando as possibilidades de análise de letramentos acadêmicos, nossa intenção é problematizar e estabelecer relações entre as pesquisas empíricas

que se centraram na produção acadêmica de doutorandos, como veremos nas próximas seções.

4. A prática de *salami science* no contexto contemporâneo

De acordo com Elstein *et al.* (1998), em uma das primeiras definições sobre o termo, *salami science* – ou ciência do salame – é uma prática em que o pesquisador publica os resultados de um único estudo em dois ou mais textos. Assim, ocorreria a “divisão do que a rigor deveria ser um único texto abrangendo uma pesquisa em vários [...] artigos, para maximizar o número de publicações” (CAMARGO, 2014, p. 337), naquilo que Camargo (2014) denominou como “unidades mínimas publicáveis”. Além do pressuposto principal problema apontado pelo autor – o de que não haveria novas contribuições científicas nesse tipo de prática – haveria também o fato de recursos valiosos e limitados estarem sendo desperdiçados (ELSTEIN *et al.*, 1998), como os pareceres dados a artigos muito parecidos, por exemplo.

Expressão bastante difundida no meio acadêmico-científico, a prática de *salami science* configurou-se como um tópico de preocupação dos doutorandos participantes da pesquisa durante as entrevistas. Vejamos, a seguir, um trecho em que Miguel se expressa a respeito dessa temática.

Excerto 1

Pesquisadora: Outra doutoranda falou isso, ela falou que é *salami science*. Eu nunca tinha ouvido falar desse termo.

Miguel: Parece que é um artigo [...], que fala disso, eu li até [...]. Por que o que você faz? Você tem um resultado de pesquisa e você fatia esse resultado.

Pesquisadora: Por isso o salame, você está fatiando?

Miguel: Por isso o salame, em vários artigos.

Pesquisadora: Para ter quantidade?

Miguel: Por quê? Porque o critério da CAPES é quantidade (Setembro de 2018).

Miguel, ao reconhecer que a *salami science* é uma prática decorrente dos critérios de avaliação estabelecidos por agências de

fomento, tal como a CAPES, levanta um ponto importante para a discussão deste capítulo: a ciência do salame é consequência da pressão institucional para se publicar, ou seja, resulta das políticas científicas atuais no âmbito do neoliberalismo (MAURENTE, 2019; PILLER; CHO, 2013).

De modo geral, assim como Miguel, os demais doutorandos também afirmaram conhecer a ciência do salame e, em seus discursos, rechaçavam-na, embora admitissem que seria uma prática necessária no contexto atual do “publicar ou perecer”. Isso porque pesquisadores que não publicam frequentemente podem não conseguir pontuação suficiente para serem aprovados em concursos públicos, progredirem em suas carreiras em institutos de pesquisa e/ou em universidades públicas, terem financiamento para seus projetos, pontuação adequada para permanecerem integrados ao quadro de docentes de um programa de pós-graduação, por exemplo, entre outras consequências.

Dessa maneira, de acordo com Mendes-da-Silva e Leal (2021, p. 3), “sob a atmosfera de *publish or perish* que aumentou nas últimas décadas, a ênfase excessiva no volume de publicação como *proxy* para avaliar a produção científica recompensa inevitavelmente quantidade, em detrimento da qualidade”. Assim, nesse contexto de alta cobrança por publicação, a ciência do salame se constitui como uma saída encontrada pelos pesquisadores para se manterem excessivamente produtivos do ponto de vista quantitativo.

Tal solução, no entanto, é vista por parte da comunidade acadêmica como uma prática que conflitaria com o que é considerado eticamente aceitável (CAMARGO, 2014), uma vez que possuiria baixo contributo para a ciência. O único propósito da *salami science*, portanto, seria aumentar o número de publicações de um pesquisador. Nesse sentido, de acordo com Mendes-da-Silva e Leal (2021), o pesquisador se vê obrigado a fracionar a sua pesquisa em publicações de periódicos de menor qualidade, com processos de aceitação mais benevolentes, não sendo possível se dedicar ao compromisso de publicar em menor

quantidade, porém em periódicos de maior qualidade e com processos de avaliação mais exigentes.

Embora a ciência do salame seja, de fato, eticamente questionável, é preciso levar em consideração que o receio dos participantes em estarem supostamente praticando-a pode ser resultado de uma interpretação distorcida do conceito que a subjaz. Vejamos, a seguir, o excerto 2:

Excerto 2

Isadora: [...] Você tem todo um projeto e daí, qual é o meu raciocínio, até um colega que a gente tem traçado uns projetos paralelos, a gente tem essa mesma linha. Eu desenvolvo material, eu vou caracterizar ele, eu vou aplicar, então, eu mostro a eficiência dele, eu mostro um ciclo, né. Só que daí, de um projeto que leva, sei lá, três anos, eu tenho um artigo publicado.

Pesquisadora: E é pouco para a CAPES, por exemplo?

Isadora: É pouco. E os professores também, a cobrança em cima da gente é muito grande. Então, o que a minha orientadora fala: ó, você vai ter um monte de coisa, né, a gente ainda que trabalha em projetos multidisciplinares, você tem caracterização química, física e biológica. Então, o que ela fala? “Você pega o seu projeto e divide pelo menos em duas partes”.

Pesquisadora: Para dar artigos?

Isadora: Dois artigos. Então, você vai fazer, desenvolver e caracterizar física e quimicamente: um artigo. Depois, você vai caracterizar biologicamente e aplicar, fazer os testes biológicos: outro artigo. Aí você faz: parte um, parte dois. É a *salami science*.

Pesquisadora: Nunca tinha ouvido falar desse termo [*salami science*].

Isadora: É super difundido, porque daí você visa número, você não visa necessariamente qualidade. [...] Lá [no meu programa de pós-graduação], para você defender o doutorado, você tem que ter dois artigos publicados. [...] Então, se você dedicou os quatro anos em um projeto só...

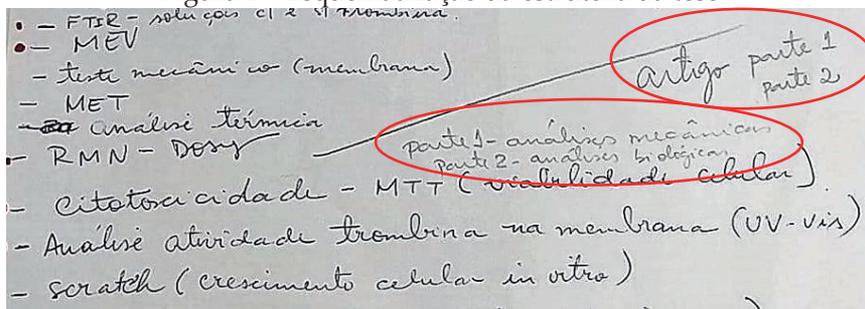
Pesquisadora: Você vai ter que dividir?

Isadora: Você vai ter que dividir, senão, você não defende. Ou, então, você tem que ter N outros projetos paralelos, você levar seu doutorado na loucura, porque só um projeto já é difícil para ter outros artigos publicados para conseguir defender (Setembro de 2018).

Além do que foi relatado nesse trecho da entrevista, Isadora compartilhou também um esquema que elaborou a fim de estruturar a sua tese. Nele, a doutoranda aponta a divisão do

projeto em duas partes (em que se lê “parte 1 – análises mecânicas / parte 2 – análises biológicas”) e, portanto, em dois artigos, conforme pode ser observado na figura 1.

Figura 1 – Esquemática da estrutura da tese



Fonte: Arquivo pessoal da doutoranda Isadora (destaques circulos são nossos)

Isadora afirma estar praticando a ciência do salame ao dividir o seu projeto de doutorado em duas partes a fim de obter dados suficientes para publicar dois artigos. Contudo, será que o caso relatado pela doutoranda se trata de *salami science*, se considerarmos que é socialmente esperado e aceito que haja a publicação de artigos científicos que apresentem dados analisados na tese?

Primeiramente, é preciso reconhecer que a tese e o artigo científico, por serem gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011) distintos, circulam também em locais diferentes. Enquanto uma tese de doutorado raramente é lida na íntegra por pesquisadores que não integram a banca de defesa devido a sua grande extensão, um artigo científico, geralmente, acaba circulando em contextos mais variados e em eventos de letramento diversificados: pode ser lido em sua totalidade por alunos em uma disciplina da graduação, por integrantes de um grupo de pesquisa da pós-graduação, por pesquisadores que estejam interessados na temática etc.

Além disso, tese e artigo científico não passam pelos mesmos processos de avaliação. A tese é avaliada nos eventos de letramento da qualificação e da defesa, por pesquisadores que integram a banca e conhecem o doutorando responsável pelo trabalho. Já o

artigo científico, quando publicado em periódico especializado, é revisado por ao menos dois pareceristas que não possuem acesso à identidade dos autores do texto e que também não têm ciência daquilo que o outro parecerista escreveu. Trata-se, claramente, de eventos de letramento avaliativos muito distintos, o que acaba influenciando em modos de produção escrita também diferentes.

Por outro lado, há de se considerar ainda que a grande extensão de uma tese de doutorado não possibilita que todos os dados nela analisados sejam sintetizados em apenas um artigo científico. De acordo com Elstein *et al.* (1998), a *salami science* seria eticamente aceitável nos casos em que um único trabalho pode gerar um manuscrito muito longo, com muitos dados, para ser publicado somente em um periódico, sendo essa a situação recorrente em teses de doutorado.

Porém, reafirmamos nosso posicionamento, neste capítulo, de que a produção de artigos científicos a partir dos dados analisados em teses de doutorado pode não se tratar da prática da ciência do salame. No caso analisado no excerto 2, observamos que a doutoranda não pretende fazer uma mesma análise em dois artigos, o que configuraria a *salami science*. Ao contrário, Isadora almeja analisar os dados de sua tese sob pontos de vista diferentes – um mecânico e o outro biológico –, o que certamente geraria desdobramentos diversificados para a sua pesquisa e, assim, contribuições também distintas. Essa prática, denominada “estratégia de publicação de múltiplos artigos” por Kirkman e Chen (2011), consiste em intencionalmente projetar, logo no início de uma pesquisa, a produção de dois ou mais artigos a partir de diferentes perspectivas, o que não incorreria em *salami science*.

Dessa forma, dependendo da situação e considerando a prática de letramento de produção de uma tese, é convencionalmente esperado que o doutorando recorte dados dela a fim de elaborar diferentes artigos. Nas palavras de Isadora, a sua orientadora, por exemplo, incentiva que a doutoranda produza artigos a partir do que é analisado na tese (“Então, o que ela fala?

Você pega o seu projeto e divide pelo menos em duas partes”). Inclusive, ao relermos o excerto 2, podemos perceber que os próprios programas de pós-graduação, com suas políticas de pressão por produtividade acadêmica discente, induzem os doutorandos a fazerem isso, uma vez que exigem que se publique artigos para que o discente possa agendar a defesa (“para você defender o doutorado, você tem que ter dois artigos publicados”).

Nesse sentido, ao se colocarem na posição de pesquisadores que praticam a ciência do salame somente pelo fato de publicarem os resultados da investigação do doutorado em mais de um artigo científico, ainda que com contributos distintos, é como se os doutorandos estivessem respondendo dialogicamente aos discursos proferidos por grande parte da comunidade acadêmica que condena essa prática. Devido a essa lógica neoliberal, que cobra por alta produtividade, e também à falta de explicitação do conceito de *salami science*, esses doutorandos pensam estar incrustados em práticas antiéticas, quando, na realidade, a partir de nossa análise, concluímos que se trata de algo já convencional e socialmente esperado na prática de produção de uma tese em um contexto social em que eles são cobrados a produzir em excesso.

Por outro lado, compreendemos que, embora não se trate da ciência do salame, essa prática é resultante daquilo que denominamos como “ciência da pressão”. Essa pressão por alta produtividade é consequência da regulamentação de políticas científicas que estabelecem a publicação intensiva em periódicos de alto impacto como um dos critérios para financiamento acadêmico e desenvolvimento de carreira (BLOMMAERT, 2022). Dessa forma, os doutorandos, ao invés de se focarem exclusivamente na produção de uma tese, precisam também reservar esforços para publicar artigos científicos durante o doutorado, já que, de acordo com Blommaert (2022), por serem pesquisadores em início de carreira, tornam-se os mais sensíveis às pressões do publicar ou perecer, devido ao mercado de trabalho acadêmico cada vez mais seletivo e competitivo. É nesse sentido que a doutoranda Isadora

afirma que precisa “levar o doutorado na loucura”, isto é, ceder à ciência da pressão.

Vale ressaltar que a produtividade, em si, é necessária quando se considera a produção de conhecimentos científicos. Em outras palavras, é preciso publicar os trabalhos científicos e divulgá-los entre os pares. Concordamos com Blommaert (2022) quando o pesquisador defende que o principal motivo para se publicar relaciona-se com a necessidade compartilhada de diálogo e debate sobre questões e resultados de pesquisa, o que, na visão do autor, é, e continua sendo, a forma mais potente de controle de qualidade na ciência. Entretanto, é a alta cobrança por produtividade que acarreta em efeitos nefastos para os pesquisadores. É sobre tais efeitos que discutiremos na próxima seção.

5. Efeitos da ciência da pressão

Nas palavras de Vilaça e Palma (2013, p. 477), “hoje, há uma espécie de ditadura da ciência rápida, pois esta é adequada para responder à *pressure to publish* (pressão para publicar)”. Segundo os autores, no Brasil, o modelo de avaliação dos programas de pós-graduação valoriza a produtividade em sentido amplo e, especialmente, a publicação de artigos científicos como critério avaliativo. A produtividade e as práticas produtivistas “estão diretamente ligadas a um contexto em que um montante grandioso de artigos gera mais admiração do que críticas”, estabelecendo-se “um tipo *problemático de mercado acadêmico-científico*, em que a publicação possuiria valor de troca, sendo uma forma de moeda” (VILAÇA; PALMA, 2013, p. 470).

Nesta seção, pretendemos abordar alguns efeitos dessa cultura acadêmica, no que diz respeito à pressão para publicar, para produzir e para produzir em quantidade. Os excertos, agora em análise, pertencem a diários de tese solicitados a doutorandos durante um período de três meses. O objetivo principal desse instrumento foi o de compreender processos de construção e de

escrita da tese de doutorado, não havendo nenhum delineamento temático específico, ou seja, os doutorandos podiam escrever sobre qualquer assunto relacionado à tese. Um dos tópicos que mais sobressaiu nos diários foi, justamente, a pressão individual e a preocupação em “ser produtivo”. Vejamos, a seguir, excertos do diário de Cristiano, da área de Linguística, Letras e Artes:

Excerto 3

Não há muito o que falar hoje, a não ser que estou cansado, escrevi quase nada durante a semana e que passou pela minha cabeça um vago desejo de largar tudo diante do questionamento: “Para quê tudo isso?” [...] Tenho me sentido **“uma fraude”** diante do programa e da **expectativa que depositam em mim**. Sinceramente, quando olho para aquilo que é produzido por alguns colegas e para que o que estou produzindo em meu ritmo e disponibilidade de trabalho, sinto-me um tanto mal. Estou escrevendo pouco, talvez até pensando pouco (Junho de 2018, grifos nossos).

Cristiano, com 36 anos de idade, no momento da geração de dados, casado, pai de dois filhos e professor em mais de uma instituição de ensino, havia relatado que o seu “tempo” estava terminando (faltavam 6 meses para concluir). Por ser um pouco mais velho do que os seus colegas, afirmou, em entrevista, que sentia uma certa pressão em relação à qualidade do seu trabalho e às expectativas dos outros (note-se no excerto o uso plural em “depositam”).

O excerto 3 ilustra a individualização do fracasso (STREET, 2003) em um momento de cansaço e relativamente próximo à conclusão do doutorado. Revela, ainda, uma concepção de produtividade aliada à quantidade de páginas escritas, ou seja, produzir bem é escrever muito, apontando também para uma valorização quantitativa da produtividade intelectual, refém de um pensamento neoliberal marcado pela competitividade na academia (PILLER; CHO, 2013). Paralelamente, se “não escrevo muito”, então “sou um fracasso”. Dias depois, Cristiano volta ao mesmo tópico:

Excerto 4

Socorro!!! Não estou **produzindo** como deveria e gostaria. [...] Estou muitíssimo cansado e atrasado em meu cronograma. Eu havia estabelecido terminar todas as análises referentes a xxx até amanhã, mas não conseguirei. Espero que as minhas férias, que começam na segunda, sejam academicamente **produtivas!!!!** (Julho de 2018, grifos nossos).

Muito se tem já escrito sobre o adoecimento e o sofrimento psíquico de pós-graduandos e pesquisadores no contexto de economia de mercado em que vivemos, cujos mecanismos de avaliação podem ser bastante perversos (SILVA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2020). No excerto 4, um aspecto que merece destaque e confirma o que a literatura vem pontuando é o “aproveitamento máximo do corpo” (MAURENTE, 2019, p. 12), quando Cristiano espera ser “produtivo” nas suas férias. Em outros excertos, aparecem elementos semelhantes: não ir para a universidade para render mais em casa e não “perder tempo” em deslocamentos. Contudo, o pós-graduando reconhecia em excertos anteriores do diário, em maio, os efeitos positivos da socialização acadêmica, salientando que precisava “frequentar o ambiente acadêmico” para se sentir reanimado em relação à pesquisa. Parece haver uma contradição: por um lado, deslocar-se significava perder “tempo”; por outro lado, o convívio acadêmico-científico estimulava o seu pensamento. Passemos à análise de outro trecho do diário.

Excerto 5

Ao chegar em casa mergulhei em meu trabalho, transformando as conversas da semana em ideias de análise a serem desenvolvidas, sobretudo acerca da poética de xxx. **Estou preocupado com o meu tempo** que parece cada vez mais escasso, por isso, **desisti de fazer uma tese “monumental” e revolucionária**. A cada momento que passa tenho mais consciência de minhas limitações e ao contrário do que parece, acredito que **isso me tem feito amadurecer como pessoa e como pesquisador**, embora seja um pouco dolorido e angustiante (Maio de 2018, grifos nossos).

No excerto 5, nota-se a capacidade de autoanálise do pós-graduando e, de forma positiva, o seu processo de amadurecimento, a imagem de si e o seu posicionamento crítico,

imprescindíveis à construção identitária de um pesquisador (IVANIČ, 1998). Se, por um lado, Cristiano salienta a preocupação com o “tempo” e reajusta suas expectativas (“desisti de fazer uma tese “monumental” e revolucionária”), por outro lado, interpretamos o excerto como um momento positivo (“isso tem me feito amadurecer como pessoa e como pesquisador”), na medida em que é valorizado o processo e não o produto, ao contrário do que lemos nos excertos anteriores.

Clarice tematiza tópicos semelhantes na escrita do seu diário:

Excerto 6

Essa semana minha escrita anda um pouco travada pois estou escrevendo uma parte da introdução cujo tema não é muito familiar. Além disso, também perdi dois dias de escrita devido à enxaqueca. Há cerca de um mês vou para o laboratório apenas esporadicamente, pois moro longe e **meu orientador insistiu que eu ficasse em casa para não perder tempo** com transporte e me dedicar à escrita. **Ele é muito compreensivo e sempre tenta me ajudar** (Dezembro de 2018, grifos nossos).

Neste caso, é o próprio orientador que sugere a Clarice “não perder tempo com transporte” para ter foco na escrita. Naquele episódio, ela caracteriza o seu mediador de letramento (LILLIS; CURRY, 2010; PARIS, 2022) como compreensivo. No entanto, mais adiante, com a entrega da tese a aproximar-se, seu posicionamento é ligeiramente diferente. Em janeiro, Clarice é explícita em relação às cobranças para a escrita de outro artigo:

Excerto 7

Minha ansiedade me mata. Além de ser muito complicado fechar a tese da forma que eu gostaria, **tenho cobranças, tanto da parte do meu orientador, mas, principalmente minha, para escrever outro artigo** relacionado ao primeiro capítulo da tese. (...) O quanto antes eu tiver o projeto de pós-doc em mãos, antes eu submeto e então **terei chance de emendar uma bolsa na outra e não ficar sem receber**. Gostaria de me dedicar apenas à escrita da tese sem outras preocupações, mas é impossível. (Janeiro de 2019, grifos nossos)

Merece ser ressaltado o fato de a pós-graduanda estar terminando o doutorado e, ao mesmo tempo, submetendo um novo projeto de pós-doutorado a uma agência de fomento. A precarização, como fator externo à escrita, afeta naturalmente a concentração e o bem-estar. Nesse sentido, é importante refletir sobre as tensões evidentes nos excertos. Primeiramente, a preocupação com o “tempo de deslocamento”, que pode diminuir a “produtividade”, tem talvez menor impacto do que a sobrevivência e a precariedade financeira da pós-graduanda, devido à incerteza com o futuro (“terei chance de emendar uma bolsa na outra e não ficar sem receber”). Em segundo lugar, é compreensível que a ansiedade afete a produção escrita da tese e de artigos. Esta questão nos remete para as dimensões externas e “escondidas” que podem, com justiça, adoecer o corpo e a mente. Vários estudos vêm demonstrando que algumas das ditas “dificuldades de escrita” estão sobremaneira relacionadas a diversos fatores externos a ela, incluindo os institucionais, os emocionais e os financeiros (SALA-BUBARÉ; CASTELLÓ, 2017; SVERDLIK *et al.*, 2018; WILMOT; MCKENNA, 2018). Portanto, essas pesquisas reiteram que não são dificuldades ou “problemas” com a produção de texto em si, mas outros fatores que a condicionam e determinam. Nos meses seguintes, Clarice continua relatando essas preocupações:

Excerto 8

Devido ao tempo dedicado ao projeto de pós-doc, encontro da pós e atividades complementares do laboratório, adiei a entrega da tese para o dia 05/04.

(Fevereiro de 2019, grifos nossos)

Excerto 9

Neste término de doutorado a **preocupação constante do meu destino profissional atrapalha muito a escrita.**

(Março de 2019, grifos nossos)

De acordo com o modelo dos Letramentos Acadêmicos (LEA; STREET, 1998), as relações de poder e ideologia permeiam as

práticas de linguagem no Ensino Superior. É necessário debater o modo como determinados fatores internos e externos influenciam a produção de textos, de dissertações, de teses, de artigos, enfim, da produção escrita do conhecimento. Dessa forma, poderemos desconstruir a individualização do fracasso e do domínio (ou não) de habilidades de escrita e, ao invés, construir novas formas de encarar as dimensões institucionais, políticas e ideológicas que afetam as condições individuais e coletivas de produção intelectual, em geral, e de produção escrita, em particular.

Concordamos, assim, com Maurenre (2019), quando afirma que

[...] a educação passa a ser entendida também como uma forma de acumulação de qualidades individuais necessárias ao sujeito para (sobre)viver em um mundo competitivo. Nas instituições de ensino, naturalizam-se os processos que tornam o estudante a causa e a consequência de seu sucesso ou fracasso, sendo que somente ele pode usufruir do seu sucesso ou definir em seu fracasso, de modo que será impelido a constituir determinadas relações de competição com os outros e consigo mesmo (MAURENTE, 2019, p. 5).

Entendemos, portanto, que o contexto atual de produção de conhecimento e da ciência, no Brasil, mais prioriza resultados quantitativos e produtos do que processos formativos. Em vez de uma ciência rápida (VILAÇA; PALMA, 2013) e da pressão, que causa mal-estar e sofrimento psíquico a todos e todas, é urgente debater e propor outro *modus operandi*. Para tal, acreditamos que o “Manifesto acadêmico: por nova(s) pedagogia(s) de escrita para o Ensino Superior”, apresentado ao final desta obra, representa um contributo coletivo ao recomendar novas práticas e novas possibilidades de agenda para os letramentos acadêmicos.

6. Considerações Finais

Diante da discussão apresentada ao longo deste texto, podemos concluir que as pesquisas teóricas e/ou de campo que se

debruçam sobre a pós-graduação e, mais especificamente, sobre as práticas de escrita acadêmica no doutorado, nos permitem analisar criticamente a visão de produtividade que predomina no sistema acadêmico-científico. Um elemento que se destaca nos dados apresentados é a cobrança por uma produtividade quantitativa e, conseqüentemente, pudemos perceber as estratégias que os doutorandos utilizaram para se adequarem às estruturas, normas, convenções e modos de funcionamento da academia. Nosso objetivo foi apontar, a partir de aspectos comuns percebidos nos dados analisados em diferentes pesquisas, as dificuldades vivenciadas pelos doutorandos e os efeitos prejudiciais do tão divulgado lema do “publique ou pereça”.

Contudo, queremos ressaltar que não se trata de condenar a produtividade acadêmica, haja vista que essa está obviamente relacionada ao avanço do conhecimento, da ciência e da tecnologia. De qualquer maneira, existem conflitos e tensões no sistema atual que suscitam problematizações urgentes, especialmente no que se refere aos inatingíveis padrões de produtividade, inseridos no contexto que Vilaça e Palma (2013) denominaram como “periodicocracia do conhecimento”.

Blommaert (2022), por sua vez, refere-se a esta problemática de forma bastante provocadora ao afirmar que “a conexão entre publicação e desenvolvimento de carreira é experienciada por um grande (e crescente) número de acadêmicos, muitos deles entre os quadros mais jovens do corpo docente e com menos tempo de carreira, como uma pressão sufocante que transforma a pesquisa em punição ao invés de alegria” (BLOMMAERT, 2022, p. 130, tradução nossa¹¹). Tal “pressão sufocante” se fez presente nas entrevistas e nos diários dos doutorandos analisados neste capítulo, o que nos leva a concluir que (i) algumas visões sobre

¹¹ No original: “The connection between publishing and career development is experienced by huge (and growing) numbers of academics, very many of them among the younger and more junior ranks of faculty, as a suffocating pressure turning research into punishment rather than joy”.

práticas de escrita acadêmica são generalizantes em confronto com as práticas situadas em que emergem e com suas especificidades e (ii) há diferentes possibilidades interpretativas para as práticas de publicação e podemos, portanto, questionar algumas que, embora predominantes, geram impasses e contradições.

Defendemos, assim, que, ao invés de uma ciência do salame, da pressão, da quantidade, da rapidez, da eficiência, enfim, da alta produtividade em termos quantitativos de publicações, passemos a concretizar, na teoria, mas também na nossa prática, uma ciência do maturamento, da qualidade, do questionamento de padronizações vigentes e, então, de (res)significações contínuas de nossas práticas.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1979].
- BERG, M.; SEEBER, B. K. **The slow professor: challenging the culture of speed in the academy**. Toronto: University of Toronto Press, 2016.
- BLOMMAERT, J. O poder da liberdade: em busca de estratégias democráticas de publicação acadêmica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas-SP, v. 61, n. 1, p. 125–136, 2022.
- BLOMMAERT, J.; JIE, D. **Ethnographic fieldwork: a beginner's guide**. Bristol: Multilingual Matters, 2010.
- CAMARGO, K. R. J. Editorial: publicar ou perecer, ou perecer por publicar (em excesso)? **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 2, n. 24, p. 337-339, 2014.
- CURRY, M. J.; LILLIS, T. **A scholar's guide to getting published in English: critical choices and practical strategies**. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2013.
- ELSTEIN, A. S. *et al.* Salami science: are we still allowing it? **CSE Annual Meeting Reports**. 1998. Disponível em: <http://www.councilscienceeditors.org/wp-content/uploads/v21n6p200.pdf> Acesso em 28 jun. 2022.

- FUZA, A. F. **A constituição dos discursos escritos em práticas de letramento acadêmico-científicas**. 2015. 368p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP, 2015.
- IVANIČ, R. **Writing and identity: the discursive construction of identity in academic writing**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- JORDÃO, C. Decolonizing identities: English for internationalization in a Brazilian university. **Interfaces Brasil/Canadá, Revista Brasileira de Estudos Canadenses**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 191-209, 2016.
- KIRKMAN, B. L.; CHEN, G. Maximizing your data or data slicing? Recommendations for managing multiple submissions from the same dataset. **Management and Organization Review**, v. 7, n. 3, p. 433–446, 2011.
- LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, v. 23, n. 2, p. 157-171, 1998.
- LILLIS, T. Academic literacies: intereses locales, preocupaciones globales? Academic literacies: local interests, global concerns?. In: ÁVILA-REYES, N. (org.). **Multilingual contributions to writing research: toward an equal academic exchange**. Colorado: University Press of Colorado, 2021, p. 35-59.
- LILLIS, T. *et al.* (orgs.). **Working with academic literacies: Case Studies Towards Transformative Practice**. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015.
- LILLIS, T.; CURRY, M. J. **Academic writing in a global context: the politics and practices of publishing in English**. New York: Routledge, 2010.
- LILLIS, T.; SCOTT, M. Defining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy. **Journal of Applied Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 05-32, 2007.
- MAURENTE, V. S. Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica: subjetivação e resistência em programas de pós-graduação brasileiros. **Interface**, v. 23, e-180734, p. 1-15, 2019.

MENDES-DA-SILVA, W.; LEAL, C. C. Salami science na era do open data: déjà lu e accountability na pesquisa em gestão e negócios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 25, n. 1, e-200194, 2021.

MIRANDA, F. D. S. S. **Metapesquisa da produção acadêmica brasileira sobre práticas didáticas oriundas do modelo de Letramentos Acadêmicos**: por uma nova pedagogia para o ensino superior. Relatório (Pós-Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PARIS, L. G. O orientador como mediador de letramento privilegiado no processo de escrita da tese de doutorandos. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 246-264, 2022.

PARIS, L. G. **Letramentos acadêmicos de doutorandos**: entre mediações e publicações. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021.

PILLER, I.; CHO, J. Neoliberalism as language policy. **Language in Society**, v. 42, n. 1, p. 23-44, 2013.

SALA-BUBARÉ, A.; CASTELLÓ, M. Exploring the relationship between doctoral students' experiences and research community positioning. **Studies in Continuing Education**, v. 39, n. 1, p. 16-34, 2017.

SILVA, A. A.; OLIVEIRA, V. M.; CARVALHO, E. A. R. Psiquiatralização da educação superior: regular as emoções para que atendam às exigências da produtividade acadêmica. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 104307-104321, 2020.

STREET, B. V. "Hidden" features of academic paper writing. **Working Papers in Educational Linguistics**, UPenn, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2009.

STREET, B. V. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current issues in comparative education**, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

SVERDLIK, A. *et al.* The PhD experience: a review of the factors influencing doctoral students' completion, achievement, and well-being. **International Journal of Doctoral Studies**, v. 13, p. 361-388, 2018.

VILAÇA, M. M.; PALMA, A. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, p. 467-484, 2013.

WILMOT, K.; MCKENNA, S. Writing groups as transformative spaces. **Higher Education Research & Development**, v. 37, n. 4, p. 868-882, 2018.

Em homenagem:

Conhecemos a Raquel em momentos diferentes de nossas vidas: uma em 2005; outra em 2012 e outra em 2017. Apesar da diferença cronológica, descobrimos compartilhar todas as três um sentimento muito semelhante sobre os significados da representação dela para nossas histórias profissionais e pessoais – assim como os demais autores desta obra também expressaram – e que nos fazia dividir ainda o mesmo desejo de que ela e outras pessoas pudessem saber disso na forma de uma homenagem materializada em livro. Foi assim que criamos o “Raclits”, um grupo de Whatsapp que unia espirituosamente o início de seu apelido (Raca) com a abreviatura em inglês empregada, com frequência, para denominar os *Academic Literacies*, ou seja, ACLITS. Em conversas no tal grupo, amadurecemos a ideia, trocamos pensamentos e decidimos, definitivamente, dar vida ao projeto. A primeira ação concreta foi revelá-lo à homenageada, o que veio a acontecer em uma reunião online, em 2021, agendada sob o pretexto de um auxílio de nossa “orientadora” para um texto que estávamos produzindo juntas. Ela não tinha como desconfiar, já que, generosamente, sempre dialoga conosco sobre nossos trabalhos. Quando lhe contamos a nossa ideia, sua reação foi de perplexidade. Boquiaberta, ela se mostrou surpresa, já que a humildade é uma das características mais notáveis de nossa homenageada. Passado o susto, Raquel embarcou nesta jornada conosco e se juntou ao grupo Raclits, gentilmente nos auxiliando em diferentes aspectos do processo de organização da obra. Apoiou nossas ideias, aconselhou nossas tomadas de

decisões, indicou caminhos a serem seguidos, ou seja, um verdadeiro exemplo que nos revela, diariamente, que é possível ocupar um espaço na academia de forma responsável e comprometida, mas também humanizada. Enfim, Raquel tem sido uma mediadora privilegiada que nos ensina e nos inspira a cada momento. Somos gratas por sua presença sempre genuína e verdadeira em nossas trajetórias profissionais e, sobretudo, de vida! Para nós, você, Raquel, é sinônimo de ética, diálogo, competência, generosidade e afetividade. É uma pessoa fundamental para o campo dos Letramentos Acadêmicos no Brasil, mas, acima de tudo, para os caminhos de todos que com você convivem. Para nós, esta homenagem é uma comemoração e um agradecimento. Viva!